



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

SITUAÇÃO FINANCEIRA: LIBERTAÇÃO OU APRISIONAMENTO DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

*¹Xavier S. Tamires, ²Silva P. B. and ³Souza L. Q. Gleice

¹Discente do Curso Superior de Estética e Cosmética. Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; ²Docente do Curso de Administração. Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; ³Docente do Curso Superior de Estética e Cosmética. Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 17th September, 2019
Received in revised form
26th October, 2019
Accepted 07th November, 2019
Published online 31st December, 2019

Key Words:

Violência doméstica; Vulnerabilidade;
Condição financeira; Finanças.

*Corresponding author: *Xavier S. Tamires,*

ABSTRACT

A violência doméstica (VD) acomete a sociedade de maneiras silenciosas, uma vez que, as “vias de fato”, na concepção da violência corporal, é a “gota d’água”, porque, antes dela, acontecem outros tipos de violência que, muitas vezes, são ignoradas pela sociedade e acabam deixando essa vítima mais vulnerável e sem forças para romper esse ciclo de violência. Além disso, existe a condição financeira dessa mulher que pode deixá-la ainda mais presa a esse relacionamento. Visto isso, o presente trabalho objetiva Construir o Discurso do Sujeito Coletivo sobre os sentimentos vivenciados pelas mulheres acerca da condição financeira enquanto fator que contribui para a permanência da mulher no ciclo de violência doméstica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e *Ex-Post-Facto* que foi realizada no Núcleo de Estética e Cosmética de uma Instituição privada, situado em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Participaram do estudo 6 mulheres, referenciadas do Centro de Referência Albertina Vasconcelos. Os resultados analisados levam a conclusão de que, embora não seja um fator determinante, a condição financeira é um fator que contribui para a permanência da mulher no ciclo de violência doméstica.

Copyright © 2019, *Xavier S. Tamires, et al.* This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: *Xavier S. Tamires, Silva P. B. and Souza L. Q. Gleice, 2019.* “Situação financeira: libertação ou aprisionamento da mulher vítima de violência doméstica”, *International Journal of Development Research*, 09, (12), 32828-32833.

INTRODUCTION

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência se define como uso intencional da força física ou do poder para promover lesões, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação contra si, contra o outro ou contra grupos e comunidades, ainda segundo a Instituição “associa-se à intencionalidade como a prática do ato propriamente dito, independente do resultado produzido” (OMS, 2002). A OMS traz também a tipologia da violência dividida em três categorias, a primeira delas é a violência dirigida a si mesmo ou auto infligida que é identificada quando há um comportamento suicida e auto abusivo. Outro tipo de violência é a coletiva, que é subdivida em violência social, política e econômica e engloba os crimes de ódio cometidos por grupos organizados, atos terroristas e violência de multidão. O terceiro é a violência interpessoal que também é dividida em subcategorias: a primeira é a violência comunitária, que ocorre entre pessoas sem laços consanguíneos, mas que podem se conhecer; e a segunda, que será objeto de estudo

desse trabalho, é “a violência da família e de parceiro(a) íntimo(a) que ocorre entre a família normalmente, mas não exclusivamente dentro de suas casas” (OMS, 2002). Por mais que a violência interpessoal não se restrinja apenas às residências, é notório que a maioria delas aconteça no lar da vítima. No mapa da violência de 2015, Waiselfiz apresentou dados aterrorizantes os quais demonstram que 27,1% dos homicídios femininos acontecem em suas moradias, ficando atrás apenas dos homicídios que ocorrem em vias públicas (31,2%), considerando, assim, que a residência é um local de risco a vida (Mapa de violência, 2015). Um estudo realizado pela Data folha (2019), a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), apontou dados ainda mais preocupantes: 42% das vítimas entrevistadas disseram que as agressões acontecem em casa e 29% apontam que os maus-tratos se passaram em vias públicas (DATA FOLHA, 2019). Como estratégia para enfrentamento da violência doméstica, em 2006 foi sancionada a Lei N° 11.340, comumente conhecida como Lei Maria da Penha que, em seu art. 5° prevê que a “violência doméstica e familiar contra a mulher é

configurada como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. Essa lei cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, além de prevenir e punir qualquer discriminação contra a mulher (BRASIL, 2006). Em conformidade com a referida Lei, a violência doméstica ocorre na família entendida “como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa e com qualquer relação íntima de afeto com o agressor, convivendo ou não com a vítima”. Além disso, a Lei descreve cinco formas de violência, sendo a primeira delas a física, que acontece quando a saúde física da mulher é posta em risco por causa das agressões sofridas. A segunda é a sexual, que ocorre quando a vítima é obrigada a ter relações sexuais contra a sua vontade. A terceira é a psicológica, quando a saúde mental e a autoestima da mulher estão em perigo.

Já a quarta é a patrimonial, caracterizada por qualquer conduta que possa causar algum dano intencional no patrimônio da vítima. E, por fim, a moral, “entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria” (BRASIL, 2006, art. 7º). É importante ressaltar que, mesmo após a Lei entrar em vigor, são inúmeros os casos, em que a violência doméstica termina em feminicídio, pois, infelizmente, esses atos ainda são naturalizados pela sociedade e ainda se acomete a culpa à vítima. Em um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de 2014, 65% das pessoas entrevistadas concordam que “mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar” e 26% declararam que “mulher que usa roupa que mostra o corpo merece ser atacada”. Além disso, 63% dos entrevistados alegam que “casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família”. Em decorrência desses pensamentos arcaicos, muitas mulheres que sofrem violência se fragilizam muito mais, pois, por diversas vezes, não encontram apoio fora de casa e acabam se tornando ainda mais vulneráveis às agressões.

Se tratando ainda sobre a vulnerabilidade dessas mulheres, o estudo do IPEA (2013) identificou que a maioria das vítimas de feminicídio no Brasil são negras (61%). Nas pesquisas de 2018 do Núcleo de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher (NUDEM), constatou-se, na definição do perfil da vítima, que 38,7% têm entre 26 e 35 anos de idade; 34,9% possuem Ensino Médio completo; e 32,7% têm a renda mensal de até um salário mínimo (NUDEM, 2018). No mesmo estudo, observou-se que 54,6% das mulheres têm medo do agressor. Esse é um dos fatores que impedem rompimento do ciclo de violência. Além disso, o estudo traz outros dados que comprovam que, além do medo, as vítimas também se sentem dependentes dos parceiros, o que impossibilita também ruptura desse ciclo. As dependências que foram apontadas na pesquisa são: 50,2% emocional, 41,31% familiar e 36,8% financeira. Frente ao exposto, este estudo apresenta como objetivo Construir o Discurso do Sujeito Coletivo sobre os sentimentos vivenciados pelas mulheres acerca da condição financeira enquanto fator que contribui para a permanência da mulher no ciclo de violência doméstica.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa que tem uma abordagem qualitativa, com uma natureza aplicada, porque “gera conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas

específicos” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Quanto ao objetivo, tem natureza exploratória e o procedimento utilizado é o *Ex-Post-Facto*. Gerhardt e Silveira dizem que “a pesquisa qualitativa se preocupa, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.”. Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa se caracteriza como exploratória quando se faz “leitura de sondagem, tendo em vista localizar as informações, uma vez que já se tem conhecimento de sua existência”. Gil (2008) ainda diz que esse tipo de abordagem “têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. Essa pesquisa envolve “levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado”. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Por fim, Gil (2012, pág. 27) traz que a pesquisa exploratória pode ser realizada por meio de “levantamento bibliográficos e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso”. Fonseca (2002, pág. 32) diz que o *Ex-Post-Facto* “tem por objetivo investigar possíveis relações de causa e efeito entre um determinado fato identificado pelo pesquisador e um fenômeno que ocorre. A principal característica da Pesquisa *Ex-Post-Facto* é o fato e os dados serem coletados após a ocorrência dos eventos”.

A pesquisa, no primeiro momento, aconteceu no Centro de Referência, onde foi feito um evento com as mulheres vítimas de violência que frequentam o ambiente. Nesse encontro, foi respondido um questionário socioeconômico e outro sobre autoestima para ajudar na seleção das mulheres que participariam da segunda fase do projeto. O Centro de Referência está situado em Vitória da Conquista e “vinculado à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, oferece atendimento psicológico, social, jurídico e informações para mulheres em situação de violência” (CRAV, 2018). A segunda fase foi realizada no Núcleo de Práticas em Estética e Cosmética de uma Instituição privada também situado em Vitória da Conquista - BA. Após a seleção de 6 participantes, foram realizados os contatos com essas mulheres para perguntar se tinham interesse em participar desse segundo momento da pesquisa. Nessa segunda etapa, para a coleta dos dados, realizou-se entrevistas, que foram registradas nos celulares dos pesquisadores a partir de aplicativos de gravação, após esse processo, os áudios foram transcritos, substituindo o nome das participantes por codificações e, por fim, elas foram analisadas no programa AntConc. Nas análises, a partir dos índices linguístico-discursivos presentes em suas narrativas sobre a situação de violência, o intuito foi a identificar como as categorias “dependência financeira” e “vulnerabilidade” desvelam discursos sobre a relação entre violência e dependência financeira. A coleta, seleção e análise dos dados foram feitas conforme as etapas metodológicas da história oral (MEIHY, 1996) e da linguística de corpus (SARDINHA, 2004; TAGNIN, 2008), utilizando-se das ferramentas *wordlist*, *concordance* e *file view* do programa AntConc para a seleção das pistas linguísticas relacionadas às categorias acima explicitadas.

Para a confecção desse artigo, foi utilizado somente as entrevistas que tinham como tema empreendedorismo, assim foram utilizadas somente as transcrições de 6 colaboradoras, constituindo um total de 15 entrevistas. Nos corpus analisado (total de 44.467 palavras) foram encontradas 3 pistas

linguísticas mais faladas e que têm uma relação direta com o tema abordado nesse artigo: a primeira pista linguística encontrada foi “dinheiro”, assumindo uma colocação no ranking de 38º, foi dita 202 vezes, sendo falada pelas colaboradoras por 103 vezes; a segunda é “trabalhar”, ficando na 85ª posição, que foi repetida por 80 vezes, sendo 63 pelas colaboradoras; e a terceira pista é “poder”, ficando na colocação 105ª, que foi dita 61 vezes, sendo 32 pelas colaboradoras. Os resultados das análises do corpus serão apresentados na forma metodológica qualitativa dos Discursos do Sujeito Coletivo (DSC), que, segundo Figueiredo (2013), “é uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos [...] e tem como fundamento a teoria da Representação Social” e “é um discurso síntese elaborado com partes de discursos de sentido semelhante, por meio de procedimentos sistemáticos e padronizados”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 6 mulheres vítimas de violência atendidas no Centro de Referência. A média de idade encontrada foi de 48 anos, ou seja, entre 24 a 69 anos. De 6 participantes, 4 estão separadas, 1 se encontra tentando se divorciar do cônjuge e outra continua casada. Sobre a situação financeira das colaboradoras, 3 recebem a aposentadoria, uma por conta da idade e outra por invalidez, porque, depois da agressão, perdeu os movimentos das pernas e precisa usar cadeira de rodas; e a terceira porque um de seus filhos é especial. Das 3 restantes, uma é manicure, mas, durante a pesquisa, estava desempregada e, às vezes, buscava atender em domicílio, mas não tinha uma renda fixa, além disso ela recebia uma bolsa auxílio, porquê tem um filho pequeno. Outra colaboradora customizava panos de pratos para vender, já que não conseguia arrumar trabalho por conta da idade e ainda não tinha chegado a idade de aposentar e recebia ajuda do pai para completar a renda, já que seu esposo não podia trabalhar porque tinha passado por um processo cirúrgico há pouco tempo; e a última tem uma lanchonete com o marido, mas não recebe nenhum salário do estabelecimento e pretende, quando se separar, montar um comércio para ela. Somente uma colaboradora não tinha filho, as demais tinham que dividir a renda com seus filhos. Após a análise das entrevistas e identificação das Ideias Centrais (ICs) e das Ancoragens (ACs), as que falas tiveram o mesmo sentido, sentido equivalente ou mesmo complementar, foram agrupadas em categorias. Vale dizer que cada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi organizado utilizando tudo o que foi encontrado com as três pistas linguísticas (dinheiro, trabalhar e poder), assim nominadas:

- O dinheiro é importante, mas não traz felicidade.
- Dinheiro representa realização pessoal.
- Ajuda a mulher a ser independente.
- O dinheiro ajuda a sair da violência.
- A falta de dinheiro pode ser um fator para que ocorra a violência doméstica.

A seguir, apresentamos cada um dos discursos formulados e suas respectivas discussões.

DSC 1 - O dinheiro é importante, mas não traz felicidade

O dinheiro é representado pelas mulheres como fundamental meio de sobrevivência, pois permite a compra de objetos

desejados. Contudo, consta nos discursos, ainda, que ter dinheiro não significa ser feliz, pelo contrário, ele pode também trazer sofrimentos e até mesmo levar à morte.

Dinheiro não é tudo assim né. traz o poder, a ganância né, as vezes ruim. O dinheiro ajuda a gente não vive sem ele né, mas em primeiro lugar a felicidade o resto você corre atrás. A pessoa mesmo sem dinheiro tendo coragem a pessoa consegue lutando. Acho que dinheiro não compra felicidade. O dinheiro é você comprar as coisas né, mas em questão de ser feliz, essas coisas o dinheiro não traz. Eu acho que quando você tem menos você é mais feliz. Dinheiro não traz felicidade pra ninguém, que tantas pessoas bem de vida que morre por causa de dinheiro. Amulher tendo coragem ter fé em deus primeiramente ela tendo coragem pra trabalhar ela venci, mas ela tem que ter coragem, se ela não ter coragem e ter sangue na veia ela não venci não, que homem não sustentar mulher não, quem sustenta a mulher ela tendo fé em deus quem sustenta ela é ela mesma. Só depende da mulher ter coragem de trabalhar, é por conhecer a palavra que tem muito homem bom no mundo ai e tem muito homem ruim, não é só homem que levanta a mulher não, tendo vergonha na cara qual é que era a dela, trabalhar que ela levanta, porque eu sou uma que tava no meio da lama e levantei (DSC).

Para d'Oliveira et al. (2009), a autonomia financeira da mulher pode protegê-la da violência por parceiro íntimo (VPI) em alguns contextos, mas não em outros. Esta autonomia tanto pode fortalecê-la e torná-la menos exposta à violência, como pode tornar mais comuns comportamentos masculinos de reconquista da dominação tradicional que desencadeiam a VPI. Cortez (2013) confirma essa abordagem dizendo que há divergências entre os estudos que procuram relacionar aspectos econômicos - independência financeira, contribuição na renda familiar, participação em programa de microcrédito - à probabilidade de ocorrência de violência conjugal, uma vez que, em alguns estudos, a autonomia financeira foi identificada como fator de proteção da mulher contra tais ocorrências, enquanto outros estudos revelam ter sido esse um fator facilitador para as agressões contra a mulher”. Diz ainda que “Estudos indicam que o risco de abuso físico diminui com o aumento do nível de renda do lar e com os anos de educação da mulher. Por outro lado, há estudos que indicam maior risco de violência quando a mulher possui certa autonomia financeira ou possui participação relevante no provimento da família. Para D'Oliveira et al(2009), possuir até oito anos de escolaridade foi associado à VPI e que a escolaridade baixa está associada com um maior número de filhos, união informal e maior violência na família de origem, além de maior aceitação da violência [...]. Seu efeito na vulnerabilidade das mulheres parece ser mediado por estes fatores e talvez o fato da escolaridade se associar a condições socioeconômicas desfavoráveis.

DSC 2 – Dinheiro representa realização pessoal

Sendo questionadas sobre a importância do dinheiro em suas vidas, as colaboradoras disseram que o dinheiro proporciona experiências e que, muitas vezes, a falta dele é difícil de vivenciar, dizendo até que ter uma condição financeira estável é ser livre e independente.

Hum, é uma condição de vivência né, você precisa ter para poder sobreviver, eu penso assim. Liberdade que eu acho é a pessoa poder ter, né um negócio assim que fala, é a pessoa ter liberdade, as vezes quer poder ir num canto e ir. Sem o dinheiro de tudo você não vive né, não deixa você com a autoestima lá encima. Se tiver dinheiro, se tiver o sonho de comprar alguma coisa você consegue né? Se quiser viajar você viaja, e sem dinheiro não dá. O dinheiro significa tudo né? Em uma parte, porque sem ele a pessoa não pode fazer nada, tudo o que o senhor faz é com ele na frente, você vai comprar uma coisa se não tiver dinheiro você não compra volta com a mão pura. No momento (o dinheiro), significa salvar minha pele né, que eu tô com umas dividazinha meio atrasada, mas se não tem fazer o que, amém né? Uma hora vai aparecer, e eu vou voltar a trabalhar e eu mantenho minhas coisa. E minha água cortaram já e a luz já tá com aviso pra cortar também. Fiquei 2 meses sem trabalhar, as economias que eu tinha já foi (DSC).

Loforte (2004, apud GUEDES, 2011) diz que a conquista da autonomia, entendida como o controle sobre a sua própria vida e corpo, e o direito a uma identidade independente e ao autorrespeito, é precedida de duas condições: uma delas é a consideração das necessidades e interesses de homens e mulheres pelas políticas e programas para atingir a equidade de gênero; a outra é apoiar estratégias que tenham como objetivo o fortalecimento e empoderamento feminino. Gomes (2004) complementa dizendo que

“o crescimento consistente da presença das mulheres na esfera econômica demonstra um movimento diverso daquele tradicionalmente verificado na sociedade até então. Não se trata apenas de episódios de ingresso no mercado de trabalho para complementar a renda familiar, embora essa motivação esteja também presente, especialmente quando se consideram as sucessivas crises da economia brasileira e as altas taxas de desemprego. Trata-se de uma mudança social de grandes proporções, pois envolve transformações nas expectativas de vida pessoal, nas relações familiares e nas demandas por serviços público”.

DSC 3 - Ajuda a mulher a ser independente

Nesse DSC, as colaboradoras falam sobre a importância do trabalho em suas vidas, dizendo que se sentem realizadas quando estão trabalhando e expressam seus interesses em empreender.

O que me faz feliz? Graças a Deus, eu sou uma pessoa que tenho coragem de trabalhar, eu tenho saúde, né? O dinheiro ajuda a não ficar dependente daquela pessoa né, ser independente dela mesma, então ele ajuda também, a pessoa mesmo sem dinheiro tendo coragem a pessoa consegue lutando. Trabalhar é honra. Ai sim, vou trabalhando e vou conseguindo minhas coisinhas, né, as vezes num tem sofá pra sentar, do trabalho ali eu já tiro, já compro, né. Deve a conta ali, do trabalho já paga, assim, e aí por aí vai, né. Eu tenho desejo de trabalhar e tenho desejo de cuidar de mim. e ter um ponto, né, um pontozinho, tem que ter o ponto, né. Porque aí já tinha esse menino meu que sabe mexer com salgado, a gente já mexia pra vender, né? Eu gosto de vender as coisinhas

assim. Se Deus dá condição na vida financeira pra mim seguir em frente, né. pra mim ter um pontinho pra eu trabalhar, não dever ninguém, já ter pagado minhas contatinhas, né, tá sossegada. Eu prefiro levar a vida que eu estou levando, eu deito a hora que quero, levanto a hora que eu quero como a hora que eu quero, vou pra minhas baladas, meus forros gostoso com minha amigas, ninguém me pega quando eu tinha marido não tinha essa regalia. Se Deus me dar vida e saúde né eu penso em ter meu negocinho em casa (DSC).

Para Guedes (2011), a conquista da independência financeira e do trabalho mundo público revela a necessidade das mulheres para sua transformação e libertação da opressão e violência e continua dizendo que “autonomia é a capacidade e as condições concretas que permitem às mulheres tomar livremente as decisões que afetam as suas vidas e o poder de agir segundo tais decisões. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Cortez (2013) fala que com maior independência financeira e novos modelos familiares possíveis, a mulher ganha poder e autonomia para avaliar seus relacionamentos afetivos e decidir sobre sua continuidade ou não, de acordo com suas necessidades e expectativas.

DSC 4 - O dinheiro ajuda a sair da violência - Dinheiro e realização pessoal

As colaboradoras falam que tem um sonho em montar seu empreendimento e fala sobre a dificuldade de abrir seu negócio.

Ai, meu sonho! Montar alguma coisa pra mim, ter meu... Minha dignidade assim, eu poder administrar a minha própria vida. Ai, trabalhar [risos]. Sair de casa, trabalhar, ver gente me deixa muito feliz. Eu desejo ser alguém na vida mas assim, assim, com o suor do meu rosto, trabalhando, né, assim, tipo, ter condições de comprar alguma coisa, botar um pontinho, vender, pra mim vender alguma coisa. Depois que eu me divorciar, eu quero uma casa pequena, alguma coisa pra mim mais simples e montar um comércio pra mim poder trabalhar, né? A partir do momento que você trabalha, que você tem seu salário, você faz o que você quer. Cê se sente mais... liberdade, né... pra você fazer tudo o que você quer. O dinheiro de tudo você não vive né, não deixa você com a autoestima lá encima. Se tiver dinheiro, se tiver o sonho de comprar alguma coisa você consegue né? Se quiser viajar cê viaja, e sem dinheiro não dá. O dinheiro eu acho que significa tudo né? em uma parte, porque sem ele a pessoa não pode fazer nada, tudo o que o senhor faz é com ele na frente, você vai comprar uma coisa se não tiver dinheiro você não compra volta com a mão pura. Olha, ainda tô me sentindo presa nessa lado assim, porque eu tenho que arrumar um emprego, tenho que arrumar alguma coisa pra mim andar com as minhas próprias pernas. porque até o momento, tô andando com as pernas do meu ex ainda, né? Porque é o que eu te falo, quanto não me divorciar, aí eu não consigo seguir nada, porque qualquer coisa que você vai fazer, você tem que ter a situação financeira, cê que ter dinheiro, né? (DSC)

GHK (2008 apud Monteiro 2015) refere três tipos de obstáculos que se colocam ao empreendedorismo feminino. Os obstáculos do contexto que se prendem com a estereotipia de

gênero, as visões tradicionais e os estereótipos acerca das mulheres, ciência e inovação que determinam, por exemplo, as escolhas escolares e formativas das mulheres. Os obstáculos econômicos e a maior dificuldade de acesso a capital e a crédito por parte das mulheres. Finalmente, os obstáculos *soft*, ou a dificuldade de acesso a redes tecnológicas, científicas e de negócios, a falta de formação em negócios, a falta de mentoras e de capacidades de gestão das mulheres. Mas, mesmo com essa dificuldade para montar seu próprio negócio, ainda assim, o número de mulheres empreendedoras aumenta a cada ano. Gomes (2004) diz que, de acordo com pesquisas, as mulheres já são donas de cinquenta por cento de todas as pequenas e micro empresas norte-americanas e já são responsáveis por mais de oitenta por cento das compras de bens de consumo. Segundo o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) de 2018 analisando os dados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2017 por gênero, a proporção total de mulheres adultas envolvidas com o empreendedorismo (35%) é mais baixa que a dos homens (38%). As mulheres também apresentam menor proporção de Empreendedores Estabelecidos (14% contra 19% no caso dos homens). Porém, recentemente, o empreendedorismo parece ter despertado mais o interesse das mulheres, visto que a proporção de Empreendedores Novos (os que têm um negócio com menos de 3,5 anos) é maior entre as mulheres (17% contra 16% no caso dos homens). (IBQP, 2018)

DSC 5 - A falta de dinheiro pode ser um fator para que ocorra a violência doméstica

Nesse DSC, são encontradas as dificuldades que essas mulheres passavam para se manter quando estavam no relacionamento, dizendo que o seu parceiro não deixava trabalhar fora de casa e a colaboradora que trabalhava na empresa do marido não recebia salário.

Ele não tá podendo trabalhar por causa da cirurgia né, aí eu falei calma que ano que vem você volta a trabalhar, aí ele já ficou nervoso, porque tá ficando sem dinheiro e não sei o que, então isso aí acaba as vezes em violência doméstica né, aí como eu conversei com ele e tudo ele já quietou. Eu acho que eu fui usada como um objeto, tem que trabalhar, mas não tem o salário, né... quando é um marido que é compreensivo, tudo bem, mas quando é um marido que ele só pensa em si próprio, aí... fica difícil. Depois que eu casei, é ele que administra a minha vida e isso aí deixa você, sei lá, incapacitada. Foi depois que ele saiu de dentro de casa, porque ele não deixava que eu trabalhar fora não, eu só ficava colocando a água dentro de gandio o dia todo (DSC).

A violência econômica, financeira e patrimonial acontece quando o indivíduo se apossados bens (econômicos, financeiros e patrimoniais) da vítima, fazendo uso deles sem a devida concessão. Pode-se dizer ainda que a forma de violência patrimonial afigura-se não apenas pelo apropriação indevida dos recursos, mas também, usar, vender, apossar-se e ou quebrar, os pertences da vítima (BRASIL, 2006). Para Albano e Silva (2016), da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero, o abuso econômico está associado: "Abuso econômico: associado frequentemente ao isolamento social é uma forma de controle através do qual o agressor nega à vítima o acesso a dinheiro ou, mesmo, abens de necessidade básica (como alimentos, aquecimento, uso dos eletrodomésticos para cozinhar, etc.). Mesmo que a vítima tenha um emprego, a

tendência é para não lhe permitir a gestão autônoma do vencimento, que é cativado e usado pelo agressor[...]". (grifo do autor) De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2001, p.21), "violência patrimonial é uma forma da violência econômica que consiste em destruir, vender ou apossar-se de objetos, instrumentos de trabalho e/ou documentos pessoais da vítima, bem como dinheiro, cheques, cartões de banco ou outros bens". Os atos destrutivos ou omissões do (a) agressor (a) que afetam a saúde emocional e a sobrevivência dos membros da família incluem:

- Destruição de bens pessoais (roupas, objetos, documentos, animais de estimação e outros) ou de bens da sociedade conjugal (residência, móveis e utensílios domésticos, terras e outros)
- Recusa de pagar a pensão alimentícia ou de participar nos gastos básicos para a sobrevivência do núcleo familiar
- Uso dos recursos econômicos de pessoa idosa, tutelada ou incapaz, destituindo-a de gerir seus próprios recursos e deixando-a sem providimentos e cuidados. (grifo nosso)

Considerações finais

Nessa pesquisa foi observado sentimentos vivenciados pelas mulheres acerca da condição financeira enquanto fator que contribui para a permanência da mulher no ciclo de violência doméstica, isso porque no momento de decisão para o rompimento desse ciclo, a dependência financeira surge como um dos empecilhos que mais dificultam no momento de recomençar suas vidas sem seus ex-companheiros. Foi notado também que todas as colaboradoras tinham o desejo de empreender para se tornarem independentes, isso porque elas relacionavam a estabilidade financeira com liberdade e como um facilitador para a realização de outros sonhos. Nesse contexto, a estética e cosmética pode oportunizar às mulheres não apenas a elevação da sua autoestima e o sentir-se bem, mas uma mudança de vida, pois através da formação profissional adequada estas podem desenvolver atividades laborais para o seu sustento e dos filhos, o que favorecerá o rompimento do ciclo de violência mantido pela dependência financeira.

Foi possível perceber, nessa pesquisa, que a autonomia financeira de uma mulher ora pode empoderá-la a ponto de ajudar a se libertar dos ciclos de violência e se tornar independente, ora pode ser um fator que pode torná-la vulnerável. Apesar da pesquisa apresentar duas variáveis distintas, isso não exclui a relevância do trabalho, pelo contrário, se faz necessário começar novos estudos sobre a temática já que foi percebido que o problema pode ser muito mais grave e mais difícil de se resolver. Então, é importante entender a importância desse tema e começar novas discussões sobre o assunto, para compreender a complexidade do tema e porque dá brecha para tantas variáveis, avaliando, assim, os contextos históricos e as construções sociais que contribuíram para essa realidade. Visto que o intuito desse trabalho é contribuir para a construção de uma sociedade humana e igualitária, onde mulheres não mais sofram, nem morram por violência doméstica, onde os direitos iguais entre homens e mulheres existam na prática e não somente num papel, espera-se que esse estudo tenha contribuído para outros trabalhos e que seja o "pontapé" para a construção de uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, M.; SILVA, M. A violência doméstica. Centro de Estudos Jurídicos. 2016. IN: GUERRA, Paulo; GAGO, Lucília (org). Violência Doméstica: Implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenômeno. Manual Pluridisciplinar. Disponível em: http://www.cej.mj.pt/cej/recursos/ebooks/outros/Violencia-Domestica-CEJ_p02_rev2c-EBOOK_ver_final.pdf. Acesso em 13 de Março de 2019.
- BRASIL, Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Brasília, 08 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 25 de fevereiro de 2019.
- BRASIL. Violência intrafamiliar: Orientações para a prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf. Acesso em: 27 de março de 2019.
- CORTEZ, M.B.; SOUZA, L. Mulheres de classe média, relações de gênero e violência conjugal: um estudo exploratório, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S165770272013000100003&lang=pt. Acesso em: 27 de março de 2019.
- D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; SCHRIBER, L. B.; JUNIOR, I. F. et al Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras, 2009. Rev Saúde Pública. Disponível em: https://scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102009000200011&lang=pt. Acesso em: 06 de abril de 2019.
- DATA FOLHA; FBSP. Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil – 2ª Edição, 2019. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2-a-edicao-datafolha-fbsp-2019/>. Data de Acesso: 11 de maio de 2019.
- FIGUEIREDO, M. Z. A.; CHIARI, B. M.; GOULART, B. N. G. de. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualiquantitativa*, 2013.
- FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da Pesquisa Científica, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2019.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de Pesquisa, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 21 de Março de 2019.
- GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2019.
- GIL, A. C. Métodos e Técnicas de pesquisa social. Editora Atlas S.A., São Paulo, 6ª edição. 2012.
- GOMES, A. F. O perfil empreendedor de mulheres que conduzem seu próprio negócio: Um estudo na Cidade de Vitória da Conquista - BA, 2004.
- GUEDES, R. N.; FOSCECA, R. M. G. Se. A autonomia como necessidade estruturante para o enfrentamento da violência de gênero, 2011.
- IBQP, Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade. Análise dos resultados do GEM 2017 por gênero, 2018.
- IPEA, Tolerância social à violência contra as mulheres, 2014. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/tolerancia-social-a-violencia-contra-as-mulheres-ipea-2014/>. Acesso em: 11 de maio de 2019.
- IPEA, Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil, 2013. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/violencia-contra-a-mulher-femicidios-no-brasil-ipea-2013/>. Acesso em: 11 de maio de 2019.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos da metodologia científica, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 13 de maio de 2019.
- MEIHY, J.C.S.B. História Oral, 1996.
- MONTEIRO, R.; SILVEIRO, C.; DANIEL, F. Representações sociais do empreendedorismo no feminino e no masculino: investigação com estudantes, 2015. Doi: 10.4025/psicolestud.v20i1.25539.
- NUDEM, Pesquisa do Núcleo de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher (Nudem) da Defensoria Pública do Ceará, 2018. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-efontes/pesquisa/pesquisa-do-nucleo-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher-nudem-dadefensoria-publica-do-ceara/>. Acesso em: 11 de maio de 2019.
- OMS, Relatório Mundial sobre saúde e violência, 2002. Disponível em: <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2019.
- SARDINHA, T. B. Lingüística de Corpus: uma entrevista com Tony Berber Sardinha. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 2, n. 3, agosto de 2004. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_3_entrevista_tony_berber_sardinha.pdf. Acesso em: 15. set. 2013.
- TAGNIN, S. E. O. 2013. O jeito que a gente diz: Combinações consagradas em inglês e português. Barueri, SP: Disal Editora, 2008.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência - Homicídios de mulheres no Brasil, 2015. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/mapa-da-violencia-2015-homicidio-de-mulheres-no-brasil-flacsoopas-omsonu-mulheresspm-2015/>. Acesso em: 27 de março de 2019.
